

08-05-2025

## “O SAMBA QUE BRILHA”

Weigma Michely da Silva

[Professora na rede estadual do Tocantins. Integrante do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Caminho por trilhas que escapam dos mapas convencionais. Guiada por uma cartografia existencial, deixo que os territórios - físicos, simbólicos, afetivos - me atravessem. Não há bússola para esse tipo de jornada: há encontros. E há escuta. Na cidade do Rio de Janeiro, onde estive pela quinta vez, sou atravessada por experiências que não se explicam por completo, mas que se instalam com uma força quase brutal, como quem nos encontra e nos funda, mesmo que por instantes. É nesse chão de contradições que percebo como a cidade pulsa, provoca, instiga. A arquitetura resistente, os corpos que transitam entre ônibus, metrô e becos, e as vozes que denunciam o que as estatísticas tentam ocultar compõem uma paisagem que, mais do que ser contemplada, exige resposta. Na Faculdade de Formação de Professores/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), cruzo com Lucas Bussi, e em sua fala percebo que, na Baixada Fluminense, onde a violência crava presenças, também emergem ritmos que reexistem, como o funk, o rap, o samba. Modos de narrar uma cidade em ruínas sem aceitar o silêncio como fim. Aprendo com Evelyn de Castro (FFP/UERJ) a escutar o que já não está: os moínhos de vento da infância que desapareceram do litoral carioca. Em sua pesquisa *"Do Sal ao Solo"*, ela faz do apagamento matéria viva, porque toda ausência fala, toda paisagem transformada carrega rastros. Com Ricardo Assis (UEG, 2024), a dor de Brumadinho não se dissolve no tempo, ecoa as vozes das mães que ainda procuram seus filhos. Em sua escrita literogeográfica, a pergunta *"Onde está você nessa lama?"* desacomoda, exige escuta. É preciso ouvir, como bem lembrou Eguimar Chaveiro (2025) em um bilhete enviado em meio a essa travessia: *"As pessoas que sofrem dor necessitam falar. A fala é o primeiro passo de cura."* Não há cura sem presença. Fadel de Vasconcellos (2025), em sua conferência nacional em saúde, não dá respostas: convoca. *"Quem cuida de quem cuida?"* – a pergunta reverbera. Emociona. Agita. É um chamado para repensar os direitos, os territórios, os corpos que carregam a marca do cuidado e do descaso. Lembro de Paulo Freire, que alertava para os perigos da sectarização, para os muros que se erguem dentro da própria luta: *"A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada"* (2023, p. 34). O inacabado é potência, não falha. E é com esse pensamento que sigo pela cidade. Cinelândia, sob a luz filtrada do entardecer, revela corpos cansados, mãos calejadas, olhos atentos. Ouço *Feminelza*, de Soares (2015), como um grito que me atravessa: *"Quem você pensa que é pra dizer a alguém que pode parir / Onde ela deve ou não deve ir?"* A lógica capitalista insiste em transformar os corpos em engrenagens. No metrô, vejo trabalhadores, estudantes, mães com crianças no colo, todos carregando um mundo nos ombros. Suely Rolnik (2018, p. 23) chama de *"subjetividade colonial-capitalística"* essa força que nos anestesia, que zumbifica os corpos ao nos afastar de nossa própria potência.

Mas ali, naquele vagão, há vida. Há uma luta invisível que pulsa. Me sento num bar, peço um chopp. O Teatro Municipal começa a acender suas luzes. E, por um instante, a cidade suspira. É hora de partir, retornar à origem. Mas, como toda cidade viva, o Rio se recusa a dizer adeus. Na esquina, um cortejo: tambores, fitas, flores para São Jorge. Uma roda de samba toma a calçada, e meu corpo, cansado, responde. No *"Samba que Brilha"*, projeto de rua que une música, fé e resistência, encontro cura. Descubro que a felicidade não é um estado - é um instante. Um lampejo que acontece entre uma batida de tambor e um sorriso oferecido sem pressa. Samba com desconhecidos que, naquela noite, se tornam cúmplices de luta. Conheço Creuza, seu companheiro, a negona do Axé, Margareth Mendes – rostos que parecem saídos de outros becos, de outros tempos, mas que retornam para lembrar que a história não anda em linha reta. O chão treme, os corpos giram, e o batuque repete: *"Ogum é meu pai / Ogum é meu guia / Ogum é meu pai / Na fé de Zambi / E da Virgem Maria"*. Mesmo na "lei do cão", como dizem nas ruas, o samba persiste. A dança resiste. E o que brilha, entre a dor e o batuque, é mais do que alegria: é sobrevivência. É uma estratégia de reinvenção cotidiana. As palavras de Fadel voltam com força: *"Precisamos continuar a luta com gana. Se nessa intensidade as coisas já são difíceis, imagina com menos"*. E eu entendo: dançar também é lutar. E lutar, às vezes, é dançar sobre as próprias feridas. No dia seguinte, ao voltar ao trabalho, enfrento assédio moral, a aridez estrutural. Mas agora, trago mais vozes. Trago comigo os rostos da roda de samba, os gritos das mães de Brumadinho, os bilhetes de Eguimar, a pergunta de Fadel, a poesia de Soares. Falo com firmeza. Reexisto com o verbo. Porque aprendi com Freire a me apropriar da minha palavra. Porque sei que a lama não pode nos engolir se gritarmos juntos. A cidade me ensinou: onde o mapa termina, a memória começa. E é nela que o Samba ainda brilha. Não como espetáculo, mas como lampejo de um mundo possível. O que brilha é o corpo que insiste, o som que convoca, a voz que não se cala. E enquanto a música tocar, há luta.

Há vida. Como bem lembra Gonzaguinha (1982):  
*Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo  
 É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo  
 Há quem fale que é um divino mistério profundo  
 É o sopro do criador numa atitude repleta de amor*

*Você diz que é luta e prazer  
 Ele diz que a vida é viver  
 Ela diz que melhor é morrer  
 Pois amada não é e o verbo é sofrer [...]  
 Viver e não ter a vergonha de ser feliz  
 Cantar e cantar e cantar  
 A beleza de ser um eterno aprendiz*

■ ■ ■